

**A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL TRANSFORMANDO O ESPAÇO
URBANO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SOBRE A IGREJA UNIVERSAL E A
EXACERBAÇÃO DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE**

TARCÍLIO DIVINO NUNES¹

(Bolsista)

PAULO ROBERTO DE ALMEIDA²

(Orientador)

RESUMO: O trabalho discute e problematiza a expansão das denominadas igrejas neopentecostais na sociedade brasileira, com enfoque na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A metodologia empregada consiste na análise de exemplares do jornal oficial da IURD, a Folha Universal, coletados desde 2005, entendendo esse jornal como expressão das relações sociais, agindo no sentido de organizar narrativas sobre um determinado tempo histórico, modelando formas de pensar e agir, de acordo com os interesses dos grupos sociais a que pertence.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades, narrativas, neopentecostalismo.

ABSTRACT: This work possesss as primordial purpose to argue the expansion of the called neopentecostals churches in the Brazilian society, with approach in the Universal Church of the Kingdom of Deus (IURD). The employed methodology consists of the analysis of units of the official periodical of the IURD, the Universal Leaf, collected since 2005, understanding this periodical as expression of the social relations, acting in the direction to organize narratives on one definitive historical time, shaping forms to think and to act, in accordance with the interests of the social groups the one that belongs.

KEYWORDS: Cities, narratives, neopentecostalism.

¹ Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Rua Antônio de Castro Andrade, nº 293, bairro Lagoinha; Uberlândia/MG; CEP: 38408-490; timoteodbz@hotmail.com.

² Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Rua Olegário Maciel, nº 2547, Saraiva, 38.408-384; Uberlândia /MG; almeidap@triang.com.br.

INTRODUÇÃO

As cidades brasileiras estão repletas de contradições. Elas são compostas pela multiplicidade de grupos e sujeitos, cujos distintos projetos políticos, valores e concepções acerca da dinâmica social acabam por gerar intensas disputas pela (re)configuração do espaço urbano, de forma incessante e conflituosa. É um espaço marcado pela convivência, não harmoniosa, de sujeitos portadores de experiências sociais plurais, sempre carregadas de trajetórias, modos de vida, práticas de trabalho e práticas religiosas particulares, que dimensionam e posicionam cada sujeito em meio às complexas redes de sociabilidade típicas do espaço urbano. Nas cidades, as pessoas se aproximam, mas também distanciam-se, na medida em que alguns problemas vão se acentuando, como a violência, a segregação espacial e, sobretudo, pela exclusão social, que apesar de suas inúmeras facetas, provoca cada vez mais a desterritorialização das relações humanas e a fragmentação do espaço público.

A temática sobre a cidade vem merecendo especial atenção por parte dos historiadores brasileiros. Diversas

pesquisas discutem e problematizam o meio urbano e seus processos de constituição, juntamente com suas divisões. É necessário entendermos que as cidades, antagonicamente às abordagens urbanísticas, não são meras abstrações resultantes de construções ideológicas, que geralmente as afastam do plano concreto e complexo das relações sociais. *O que existe é uma sociedade em movimento que produz, com todas as suas contradições, as cidades e a vida que vivemos. A cidade é e será o que seus habitantes fizerem dela.*³

No tempo presente, a posição hegemônica alcançada pelos valores individualistas que regem a alardeada “lógica do mercado”, juntamente com a minimização dos gastos estatais em serviços essenciais para a população, tais como saúde, educação, previdência e habitação, aprofundam ainda mais as fraturas urbanas e suas divisões espaciais e sociais. O slogan “salve-se quem puder” impera na sociedade atual e os laços de afetividade e solidariedade, outrora tão defendidos, são agora combatidos, situação que permeia os múltiplos campos que compõem o social. Nesse

³ BAVA, Silvio Caccia. *Quem pode fazer?* In: Le Monde Diplomatique Brasil, nº 13. São Paulo: Instituto Pólis. Agosto de 2008, p. 3.

turbilhão conflituoso que caracteriza o espaço urbano, os sujeitos que nele se inserem tentam, de diversas maneiras, solucionar seus problemas, suprir suas necessidades básicas e, de certa forma, ordenar suas vidas, conferindo sentidos e significados especiais às suas experiências.

Um dos possíveis caminhos que as pessoas visualizam para resolver, ou pelo menos amenizar, seus problemas familiares, espirituais, financeiros, amorosos, entre outros, encontra-se no campo religioso. A religião parece estabelecer um ordenamento coerente naquilo marcado pelo caos e pelas incertezas, e as pessoas que a procuram fazem isso de forma consciente, e não de forma alienada e manipulada, como defendem muitos dos estudiosos da temática religiosa. Na sociedade brasileira atual, presenciamos um verdadeiro *boom* das igrejas evangélicas, com uma simultânea proliferação quantitativa de seus fiéis a níveis extraordinários. Destas igrejas, as que mais vêm se destacando são as igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Renascer em Cristo, e que começaram a ser fundadas no final da década de 1970.

Possuem atualmente enorme visibilidade, provocando um remodelamento do espaço urbano e da esfera religiosa, além de alterar as formas como se inserem na sociedade de modo geral.

E é exatamente neste ponto que esta pesquisa é situada. Ela surgiu a partir de várias indagações nossas diante desse crescimento surpreendente das igrejas evangélicas nas cidades brasileiras e particularmente em Uberlândia, a cidade onde nos localizamos. Andando pelas ruas, conversando com pessoas que apresentavam forte fervor religioso, recebendo exemplares do jornal Folha Universal em nossas residências, assistindo a programas televisivos evangélicos, discutindo com amigos sobre o tema, uma infinidade de questionamentos vieram às nossas mentes. Por que essas igrejas evangélicas, em especial as neopentecostais, se expandem tanto assim no tempo atual? O que motiva as pessoas a ingressarem nestas igrejas? Quais são as visões de mundo e os projetos de sociedade que estes grupos carregam? De que forma os diversos sujeitos inseridos nestas igrejas constroem significados e sentidos para suas vidas com base em suas trajetórias e práticas religiosas? Como essa expansão

neopentecostal remodela e reconfigura as cidades brasileiras? Como estes sujeitos e grupos se localizam em meio às disputas, tensões e conflitos inerentes ao espaço urbano?

Como afirma Ricardo Mariano, “só não os vê quem, decididamente, não quer vê-los”.⁴ É muito difícil não percebermos a expansão neopentecostal nas cidades brasileiras, pois a cada dia são fundadas novas igrejas. Em Uberlândia, por exemplo, temos grandes templos religiosos na área central da cidade, como os templos da Igreja Universal e da Internacional da Graça de Deus, sem mencionar aqueles de pequeno e médio porte, em termos de espaço físico, que se proliferam tanto nos bairros periféricos quanto nos bairros de maior poder aquisitivo.

O termo “neopentecostalismo” é muito empregado por sociólogos, fundamentalmente para diferenciar as igrejas evangélicas fundadas no Brasil a partir da década de 1970 daquelas criadas anteriormente. Em linhas gerais, as igrejas evangélicas costumam ser divididas em protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional,

Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), em pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). Basicamente, o pentecostalismo (e essencialmente também o neopentecostalismo) distingue-se do protestantismo histórico por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres.⁵

Antes de mais nada, torna-se necessário discorrer sobre alguns pontos que nortearam esta pesquisa. Ao mesmo tempo em que a proposta central consiste em problematizar o avanço das chamadas igrejas neopentecostais na sociedade

⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2005, p. 16.

⁵ A esse respeito ver: MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.

brasileira, com o enfoque na Igreja Universal do Reino de Deus, estabelecendo, para isso, relações com a sociedade de consumo na qual estamos inseridos, não temos qualquer pretensão de tentar definir extensivamente ao longo do texto o que muitos pesquisadores da religião denominam de neopentecostalismo. Sabemos muito bem que a aplicação de definições conceituais em processos sociais marcados pela mudança, por contrastes e disputas a todo instante, resultam em uma série de implicações e discussões teóricas e metodológicas, ocasionando problemas que podem ser prejudiciais para o desenvolvimento da pesquisa, já que conceitos fechados tendem para a homogeneização, encerrando uma idéia de totalidade que apaga, justamente por isso, outras possibilidades de interpretação da temática em destaque.

O ato de priorizar categorias fixas, abstratas e puramente analíticas, em detrimento do processo histórico real, é o mesmo que ignorar a constituição deste por sujeitos sociais reais, com interesses, valores e anseios também reais e concretos.⁶ Como o historiador E. P.

⁶ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1ª ed., 1989, p. 9.

Thompson nos indica quando discute o conceito de classe⁷, a pesquisa não deve ser processada da teoria para a prática, mas sim da prática para a teoria, ou seja, da pesquisa empírica para a formulação teórica. Se o conceito de neopentecostalismo é aqui usado, está incorporado ao texto no sentido de representar uma alteração – não uma ruptura total – no âmbito das igrejas evangélicas brasileiras em meados da década de 1970 em diante, desconsiderando generalizações e características cristalizadas que tendem a uniformizar tanto os fiéis quanto as várias denominações em seu bojo.

Além de outros aspectos, essa pesquisa serviu para desconstruir antigas concepções nossas em relação à religião, ao mesmo tempo em que outras iam sendo construídas. Em primeiro lugar, a associação entre religião e alienação, que de certo modo parecia tão próxima e

⁷ Para Thompson, “classe” é um fenômeno histórico “*que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência*”. A noção de classe traz consigo a noção de relação histórica, sempre encarnada em pessoas e contextos reais. A classe não pode ser vista como “estrutura” ou como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente nas relações humanas. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 9-12.

simples, foi revisada. As pessoas não vão à igreja porque facilmente são manipuladas pelos discursos presentes no aparato midiático iurdiano⁸, mesmo porque se isso fosse de fácil constatação o número de fiéis aumentaria exponencialmente. Elas vão para a igreja para tentar solucionar distintos problemas enfrentados em seu cotidiano, dificuldades que encontram afinidade com aquilo que é destacado e divulgado pela igreja, como a possibilidade de prosperarem materialmente, curar algum tipo de doença, fazer com que algum familiar que usa drogas fique livre daquele vício, reatar os laços com o cônjuge, sair de um estado emocional marcado pela depressão, dentre várias outras adversidades.

Em segundo lugar, acredito que aprendemos a respeitar os fiéis da igreja, algo que não nos era tão fácil de assimilar anteriormente, por causa de nosso posicionamento crítico diante da religião. Após entrevistar alguns fiéis e conversar com outros, conseguimos enfim perceber a multiplicidade de sujeitos ali presente, a grande maioria composta por

trabalhadores, cada qual com suas trajetórias de vida específicas, suas angústias, suas aspirações, enfrentando problemas cotidianos que muitas vezes estão fora do nosso conhecimento, e que, por isso mesmo, não nos confere em hipótese alguma o direito de contestar a fé e os motivos pelos quais cada um frequenta a igreja, cabendo-nos o dever de respeitar as diferenças, o que também não é uma tarefa simples.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia empregada consiste na análise de 86 exemplares do jornal oficial da IURD, a Folha Universal, coletados entre o final de 2005 e início de 2009. O pressuposto teórico-metodológico utilizado no referente à análise do jornal Folha Universal parte do princípio de que os jornais modelam formas de pensar e agir, de acordo com os interesses dos grupos sociais a que pertence.

Quando trabalhamos com jornais devemos essencialmente buscar desvendar os significados, interesses e tensões que pontuam a produção dos registros neles contidos, entendendo os jornais como fontes que organizam

⁸ O termo iurdiano refere-se à IURD (Igreja Universal do Reino de Deus). Alguns autores utilizam o termo “universal” para designar os membros da IURD.

narrativas sobre um determinado tempo histórico, atuando como uma força ativa e em disputa constante no condizente à elaboração de construções históricas e na formação da opinião pública. A crítica à imparcialidade e universalidade reivindicadas pela imprensa se faz necessária, problematizando seu papel no ordenamento da realidade social e na constituição de memórias hegemônicas. À esse respeito, Laura Antunes Maciel propõe-nos uma abordagem que tenha como foco as relações da imprensa com a produção social da memória:

Para fazer avançar a problematização em torno dos processos sociais de constituição das fontes e linguagens com as quais trabalhamos, creio ser necessário explicitar e diferenciar abordagens e formas de trabalhar com a imprensa, refletindo criticamente sobre nossos procedimentos e as questões que orientam nossa prática de pesquisa. O ponto central de nossas reflexões passa por uma atenção às disputas e lutas que marcam a produção social da memória, considerando a imprensa um dos lugares privilegiados para a construção de sentidos para o presente e uma das práticas de memorização do acontecer social. Mas se quisermos intervir nas formas como se constroem sentidos e interpretações para e no presente, creio ser necessário refletir sobre a forma como se articulam no presente as diversas forças capazes de produzir representações históricas, buscando as suas conexões com instituições dominantes e o papel que jogam para obter consenso e construir

alianças nos processos de políticas formais.⁹

O intento foi estabelecido no sentido de interpretar o diálogo que se estabelece entre a IURD e a sociedade brasileira nas páginas da Folha Universal, identificando quais são os principais temas que estão sendo discutidos e como eles aparecem e são abordados, problematizando a disputa e construção de uma visão de mundo representativa dos grupos ligados à Igreja Universal.

A análise das fontes escritas não seria proveitosa se encerrasse em si mesmas todo o trabalho de reflexões, indagações e discussões de que uma pesquisa é composta. Um jornal não é produzido de forma espontânea e despreziosa, pois há todo um sentido no seu fazer-se. Vários sujeitos e grupos sociais estão por trás de sua concepção, expressando seus valores, visões de mundo e defendendo seus interesses. A imparcialidade da imprensa é um mito, mesmo porque a “imprensa” propriamente dita não existe; o que existe são pessoas de carne e osso encarregadas

⁹ MACIEL, Laura Antunes. “*Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920*”. In: FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D’Água, 2004, p. 15.

de sua produção, pessoas imersas num tecido social bastante complexo e dispostas a concretizar seus anseios.

Nessa perspectiva, a leitura do jornal Folha Universal foi acompanhada de visitas esporádicas ao Templo Maior da Igreja Universal em Uberlândia, principalmente nos cultos de domingo e em “Sessões do Descarrego”, realizadas às terças-feiras. Nessas visitas, nossa intenção consistia em tentar conhecer melhor o universo de simbologias, crenças e ritos que os fiéis assimilam e compartilham tanto no espaço da igreja quanto em suas vidas cotidianas de modo geral. As conversas ocasionais que ocorriam com os fiéis, somadas às nossas mínimas experiências no que poderíamos denominar de “espaço iurdiano”, não objetivavam fazer com que pensássemos enquanto fiéis, o que é praticamente impossível, pois não freqüentamos a igreja de forma assídua e muito menos compartilhamos as crenças e valores religiosos que, presumivelmente, um fiel da Igreja Universal possui. O contato com a igreja e com os fiéis era delineado no sentido de tentar compreendermos e problematizarmos diferentes aspectos da temática pesquisada. Por isso, essa pesquisa não tem a pretensão, nem sequer

o direito, de falar em nome dos sujeitos que freqüentam a Igreja Universal, pois eles já possuem capacidade suficiente para pensarem e agirem socialmente por conta própria.

Além disso, foram feitas algumas entrevistas com fiéis, cujas narrativas possibilitaram-nos mergulhar em todo um conjunto de referenciais culturais, vivências, valores e crenças peculiares, oferecendo novas perspectivas em relação a como estes sujeitos conferem significados e sentidos especiais às suas vidas, as quais possuem em um de seus mais importantes eixos a fé que praticam na igreja. As entrevistas foram precedidas de discussões acerca da História Oral e suas possibilidades para o desenvolvimento de múltiplas temáticas a serem pesquisadas e estudadas, dentre elas a temática religiosa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é, sem sombra de dúvidas, a igreja neopentecostal que mais cresce no Brasil, atuando também em mais de 170 países e detentora de um verdadeiro império midiático. Fundada por Edir Macedo em 1977, a IURD já possui mais

de 3 milhões de fiéis no Brasil, possuindo uma capacidade sem igual em matérias de divulgação de sua proposta religiosa, logicamente devido às suas inúmeras emissoras de rádio e TV e periódicos impressos, como o jornal Folha Universal e a revista Plenitude.¹⁰

A Folha Universal é publicada desde 1992 e possui uma tiragem semanal de 2.668.500 exemplares, com 32 páginas cada. Comparado com grandes jornais em circulação no Brasil, como a Folha de S. Paulo, por exemplo, a Folha Universal, em termos quantitativos, figura entre os maiores jornais do país. Ele reflete o crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, espelhando seus anseios e interesses, ora chocando-se, ora sintetizando-se com o espaço urbano marcado por constantes e múltiplas tensões e disputas.

A Folha Universal vem ampliando seu raio de ação e sofrendo reformulações

gráficas no sentido de tornar, aos olhos dos responsáveis por sua publicação, um jornal cada vez mais renomado e prestigiado no Brasil. Entre 2005 e 2009, período em que foram coletados os exemplares da Folha Universal, ocorreram basicamente três mudanças estruturais do jornal, que ocasionaram na duplicação do número de páginas de 16 para 32 e na diversificação de suas colunas nos moldes de grandes publicações do gênero, com a divisão em editorial, entrevistas, economia, política, grito dos aflitos, reportagem de capa, notícias internacionais, medicina, olhar feminino, antena e esporte. As reportagens mais facilmente identificadas com assuntos e opiniões de membros da Igreja Universal estavam inseridas em colunas específicas, como “Casos incríveis”, “Aconteceu na Universal”, “IURD nacional” e “IURD internacional”. Essa tentativa de discriminar os assuntos relacionados a um viés religioso e à Igreja Universal dos assuntos “gerais”, comuns a toda a sociedade e supostamente dissociados de concepções religiosas inerentes aos iurdianos responsáveis pelo periódico, ganhou impulso com a criação da “Folha IURD”, que passou a reunir em si todos

¹⁰ A Universal é proprietária de várias empresas: TV Mulher, Rede Record (com 63 emissoras, sendo 21 delas próprias), 62 emissoras de rádio no Brasil, Gráfica Universal, Editora Universal Produções, Ediminas S/A (que edita o jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte), Line Records (gravadora), Uni Line (empresa de processamento de dados), Construtora Unitec, Uni Corretora (seguradora), Frame (produtora de vídeos), New Tour (agência de viagens), entre outras. No exterior, a Universal possui emissoras de rádio e TV e instituições financeiras. MARIANO, op. cit., 2004.

os temas referentes ao âmbito iurdiano no plano nacional e internacional.

De acordo com este modelo estrutural, a Folha Universal seria compartimentada em duas: de um lado, a “Folha IURD”, compreendida entre as páginas 13 e 20 (1i-8i), abordando temas relevantes e específicos da Igreja Universal, como opiniões de seus membros, testemunhos de fiéis, política partidária, consultas espirituais, orientações para as mulheres e realizações da igreja no Brasil e no mundo; de outro, nas páginas 1-12 e 21-32 (ou 1-24), todas as outras notícias que teoricamente extrapolariam o campo religioso e que, por isso mesmo, deveriam ser tratadas de modo “imparcial” e desarraigadas das influências que a proposta religiosa concebida por seus editores poderia englobar. Deste modo, temas cotidianos como a violência, saúde, economia ou educação seriam abordados sem interferências de crenças e valores religiosos, portanto, dentro de uma linguagem que se quer afirmar como imparcial ao mesmo tempo em que tenta obscurecer o lugar social de onde falam os sujeitos encarregados da publicação do jornal.

Na análise da Folha Universal, precisamos refletir sobre como esse meio de comunicação passa a mediar e participar das trocas e relações entre os habitantes das cidades brasileiras, lugares onde estão localizados os sujeitos para os quais o periódico é destinado preferencialmente, ao mesmo tempo em que refletimos sobre as condições específicas de produção e as linguagens do jornal, atentando aos modos como seus autores reelaboram demandas e interesses que vêm de seu público alvo.¹¹

Assim como outros jornais, a Folha Universal tenta criar uma escrita universal, com um enfoque mediador e acolhedor das diferenças e dos problemas que múltiplos sujeitos enfrentam em seu cotidiano. Isso é explícito na coluna “Grito dos Aflitos”, que em toda edição destacava as dificuldades presentes na sociedade brasileira e especialmente em diversas categorias profissionais, constituindo-se num espaço aberto para que trabalhadores pudessem expor seus problemas e as dificuldades enfrentadas por cada um no dia-a-dia. Um espaço

¹¹ Sobre o conceito de mediação e as discussões que envolvem os meios de comunicação de massa focados na incorporação de demandas populares que estes fazem, à luz do conceito de hegemonia, ver: MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2ª ed. 2003.

reivindicado por estes trabalhadores freqüentemente ignorados pelo poder público e por parte da sociedade, que os responsáveis pela publicação da Folha Universal tentam “agregar” ao seu proveito, numa idéia de que a Igreja Universal acolhe todas as pessoas, independente de sua origem social, racial ou até mesmo religiosa. Costureiras, caminhoneiros, bancários, músicos, controladores de vôo, artesãos, cozinheiros, engenheiros, contadores, professores e outros trabalhadores são convidados a falar sobre suas dificuldades profissionais e suas perspectivas para a melhoria de suas condições de trabalho. A coluna também abordava temas mais amplos, trazendo depoimentos de pessoas vítimas da violência que assola a sociedade, as principais reivindicações dos deficientes físicos e as limitações do salário mínimo para os trabalhadores de baixa renda, por exemplo. Enfim, um espaço aberto para que todos pudessem relatar seus problemas, suas críticas e suas aspirações, evidentemente com muitas limitações, já que o jornal *“assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos*

interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa”.¹²

No decorrer de 2008, a coluna “Grito dos Aflitos” e sua proposta foram diluídas nas páginas do jornal, mantendo inalterado seu intento em trazer problemas sociais diversos que afligem o país supostamente na visão dos sujeitos afetados por estes problemas, dentro de uma linguagem que se quer afirmar como imparcial.

Os membros da Igreja Universal, em especial suas lideranças, transmitem uma mensagem para a sociedade brasileira de que a fé iurdiana não inibe certas práticas cotidianas e modos de vida que outras igrejas evangélicas hostilizam ou até mesmo proíbem. A Igreja Universal distancia-se do ascetismo que durante décadas estigmatizou a imagem dos evangélicos. A forte desvalorização de grande parte daquilo tido como inerente à vida terrena e a profunda oposição entre “as coisas de Deus” e “as coisas do mundo” fora rompida pelos iurdianos.¹³ Valorizar o mundo não

¹² Ibidem, p. 15.

¹³ Esse afastamento de uma visão ascética não é exclusividade da IURD. Em fins da década de 70 e início dos anos 1980, o pipocar de novas idéias, discussões teológicas e dissidências no interior das igrejas evangélicas brasileiras tiveram em um

significa aceitá-lo naturalmente, mas viver nele de acordo com uma visão de mundo agregada de valores morais e éticos pautados por uma leitura particular dos preceitos cristãos à luz da contemporaneidade. Isso pode ser percebido no modo como vários aspectos anteriormente polêmicos no universo evangélico brasileiro são abordados na Folha Universal.

A maneira dos fiéis se vestirem é um destes itens. Enquanto igrejas evangélicas estabelecidas há mais tempo no Brasil, destacando-se a Assembléia de Deus, tendem a indicar um padrão de vestimenta aos seus fiéis, como o terno, as saias e vestidos longos e os cabelos amarrados, as novas igrejas evangélicas, que possuem como expoente máximo a Universal, vêm assumindo uma atitude mais liberalizante, delegando ao converso o encontro da vestimenta mais adequada ao seu gosto e/ou padrão de vida. Essa ausência de padronização da vestimenta pôde ser comprovada nas visitas aos cultos da igreja. Lá podemos encontrar

de seus pontos centrais a questão da inserção de seus membros na sociedade. Esse debate desembocou em divergências de posicionamento e tensões entre as lideranças evangélicas sobre diferentes aspectos, destacando-se a questão da vestimenta, riqueza material e participação na vida pública.

homens usando bonés, bermudas, camisas de grupos de rap ou de rock, mulheres usando maquiagem, perfume e roupas no mínimo sedutoras. As restrições nesse quesito são mínimas. O que importa de fato é a fé que a pessoa pratica no interior da igreja e em sua vida cotidiana, entendendo por “fé” tudo relacionado aos ensinamentos e propósitos iurdianos, como as ofertas, o dízimo, correntes de oração, evangelização e as várias campanhas promovidas pela igreja.

A Folha Mulher, uma coluna fixa da Folha Universal, demonstra com mais nitidez essa liberalização nos modos de vestir dos fiéis, dando dicas para as mulheres sobre roupas, cortes de cabelo, sandálias e acessórios mais adequados à cada situação e estação do ano, além de divulgar as principais notícias e tendências do mundo da moda, destacando até mesmo desfiles famosos como a São Paulo Fashion Week.

Não devemos exagerar o alcance do jornal, já que o número de pessoas não-escolarizadas ou que não possuem o hábito de ler freqüentemente é muito alto no Brasil. Mesmo a Folha Universal sendo divulgada em uma tiragem considerada elevada, isso não significa necessariamente que todas as pessoas,

tanto os fiéis da igreja quanto aqueles que estão de fora dela, vão ler o jornal de maneira minuciosa ou, ao menos, de modo superficial. Além dos fatores acima mencionados, existe o fato de que a maioria dos fiéis é composta por trabalhadores que geralmente não possuem um tempo razoável para despendar para atividades como, por exemplo, uma leitura extensiva, devido principalmente à carga pesada de trabalho diário. A narrativa da fiel Irene Pereira evidencia esse argumento, ao afirmar que não lê muito o jornal por causa da falta de tempo, preferindo os programas de rádio e televisão da IURD:

... o jornal é muito bom. (...) eu não leio muito não. O tempo que eu tô lá eu devo ter lido uns quatro jornais só. (...) É por falta de tempo mesmo, né? Porque eu fico aqui [no local de trabalho] o dia inteiro, e em casa, quando chego em casa, as ocupações domésticas, né? São muitas. Às vezes eu vou dormir já meia-noite, uma hora da manhã, ocupada... É, o rádio é mais... eu coloco ele ali e tô fazendo as minhas atividades e tô ouvindo, né? É mais fácil, porque pra eu ler o jornal eu tenho que parar, reservar, né? Ler, pra sentar, procurar um... Mais aí é meio que complexo, porque as atividades em casa são muitas...¹⁴

¹⁴ Irene Teixeira Barbosa Pereira, natural de Unaí/MG. Veio para Uberlândia em 1990. Trabalha como encarregada de serviços gerais, na empresa Itálica Serviços, no campus Santa Mônica da UFU. Começou a participar das reuniões da Igreja Universal em abril de 2008.

Mas se não devemos superestimar o jornal, tampouco podemos desconsiderar seu poder de ação no que tange à difusão das propostas iurdianas. A Folha Universal é publicada com vistas a extrapolar sua distribuição entre os fiéis da igreja, fazendo parte da busca pela ampliação da influência e número de fiéis da Igreja Universal no Brasil. Para isso, o trabalho de evangelização é fundamental, promovendo o contato e visitas dos fiéis às residências de diversas pessoas que não estão (ou não querem estar) a par daquilo propagado pela igreja, evangelização essa feita através da oralidade e também pela “palavra” escrita contida na própria Folha Universal.

Em sua narrativa, a fiel Mariza Venâncio, conta que, em um momento em que estava passando por dificuldades financeiras e psicológicas, ficou sabendo da proposta da Igreja Universal através do jornal da igreja entregue por sua irmã, a qual já freqüentava a igreja:

... a minha irmã também, recebeu o jornal, né? Através do jornal ela foi, trouxe o jornal também pra gente, a gente foi lendo os testemunhos e foi vendo que tinha a ver com a gente, né? Que aqueles testemunhos que estavam acontecendo podiam acontecer com a gente também.

Entrevista realizada em 24/10/2008, no local de trabalho de Irene.

Então, aí a gente dedicou e tá lá até hoje. (...) Vejo, assim, de muitos testemunhos, de cura, e a gente pode tá passando pras pessoas, né? Falo, mostro o jornal, porque tem pessoas que não acredita que vai ser curada, e quando ela vê no jornal pessoas que tava pior do que ela foi curada, aí ela começa... vê o sentido da vida. Porque muitas pessoas que eu conheço, que fica doente, fala que não tem mais jeito, aí a gente mostra o jornal, fala “ó, pessoas pior teve jeito, a senhora também tem”, entendeu? O jornal é importante.¹⁵

Uma discussão sobre se a Folha Universal é um instrumento que colabora ou não para a expansão iurdiana na sociedade brasileira talvez não seja tão relevante assim como parece, mas seria interessante levarmos em consideração – e isso é muito mais uma indagação do que propriamente uma afirmação – que possivelmente muitas pessoas encontram nesse jornal um de seus escassos meios de informação no dia-a-dia, em função da falta de tempo, oportunidades e uma série de outros fatores condizentes com a situação precária materialmente vivida.

A forte sensação de limitação na vida cotidiana enfrentada por inúmeras pessoas encontra no discurso propagado

pela Igreja Universal uma recepção ao mesmo tempo esperançosa e respeitosa, ao passo que, seja em programas de rádio e TV, seja no espaço físico da igreja, a linguagem praticada resulta mais em aproximação do que distanciamento em relação à angústia e questionamentos de muitas destas pessoas, abrindo a possibilidade de vislumbrarem um contato com a igreja, a fim de enfrentar e solucionar suas respectivas dificuldades. Com isso, um espaço acolhedor é esboçado a partir da tradução de experiências e sofrimentos cotidianos plurais, no qual sujeitos sociais de origens distintas são recepcionados por “*um outro que maneja com dificuldade a sua própria língua e cultura, sem desqualificá-lo no seu fazer*”.¹⁶

Nessa perspectiva, a bem-sucedida presença da Igreja Universal na sociedade brasileira – e em outros países – pode ser melhor compreendida se levarmos em conta que a dinâmica do seu “papel evangelizador” não fica restrita à valorização da cultura letrada, como muitos podem supor se o foco remeter-se ao vasto rol de publicações da igreja, como a Folha Universal, a revista Plenitude, livros de Edir Macedo e outros

¹⁵ Mariza Venâncio Ribeiro, 51 anos, natural de Itumbiara/GO. Trabalha na função de diarista. Veio para Uberlândia há 28 anos, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Frequenta a Igreja Universal desde 2002. Entrevista realizada em 05/01/2009, na residência de Mariza.

¹⁶ MAFRA, op. cit., p. 48.

bispos, e mais uma infinidade de publicações a ela vinculadas. Como indicado anteriormente, a cultura oral recebe especial tratamento pela igreja, estando presente nas narrativas dos fiéis ou no modo como se desenvolve a fala dos pastores. Neste ponto é conveniente citar Clara Mafra, quando nos chama a atenção sobre uma particularidade das novas igrejas evangélicas fundadas a partir da década de 1970, afirmando que:

Implantando-se de forma articulada com suas redes radialísticas, redes de centros de culto, jornais locais e, se possível, programas televisivos, chegam criando pontes sobre o aparente fosso entre cultura oral suburbana e cultura radiofônica ou digital. Nesse sentido, os novos pentecostais têm conseguido realizar uma proeza que o público suburbano que congrega não encontraria em outro lugar: um atalho entre a cultura oral, terreno marcado – na perspectiva dos centros de poder – pela falta, pela necessidade, pelo obscurantismo, para a cultura virtual, *locus* do paraíso dos dias atuais, onde se encontra a tecnologia, a abundância material imediata, o fim das distâncias espacial e temporal.¹⁷

A imprensa tem um papel ativo e privilegiado no processo de memorização do social, conferindo “*visibilidade à determinadas experiências, memórias e histórias, transformando certos assuntos e personagens em notoriedade e*

definindo o enfoque e a duração das notícias”¹⁸. Considerando a Folha Universal como um espaço constituinte/constituidor da memória podemos analisar como seu discurso é elaborado. Vejamos o caso de como é enaltecida a figura de Edir Macedo. Após a fundação da IURD em 1977, Macedo se envolveu em vários casos de corrupção e desvio de divisas. Foi preso em 1992, acusado de charlatanismo e sucessivas denúncias contra ele foram feitas. O caso mais grave foi a divulgação de um vídeo por Carlos Magno, ex-pastor da igreja, em que Macedo aparece “ensinando” alguns pastores a arrecadar cada vez mais dinheiro dos fiéis, inclusive com deboche de histórias bíblicas.¹⁹ No entanto, a Folha Universal, enquanto órgão divulgador dos interesses iurdianos, tenta apagar essa trajetória corrupta do fundador da IURD, construindo uma memória que se constitui hegemônica,

¹⁸ MACIEL, op. cit., pág. 28.

¹⁹ Essa reportagem foi exibida pela Rede Globo em 1995, num contexto marcado por intensas acusações entre a emissora carioca e a Igreja Universal. Dentre outros pontos, a motivação dos ataques promovidos pela emissora da família Marinho à Universal origina-se na compra polêmica da Rede Record de Televisão por esta. As acusações mútuas até hoje não cessaram e a Record já ameaça o domínio “global” no Brasil com sua vertiginosa expansão, impulsionada com a entrada de capitais iurdianos na emissora. O vídeo pode ser visto em vários sites da internet, dentre eles o popular YouTube.

¹⁷ Idem, p. 49.

caracterizada pela glorificação de Edir Macedo e, conseqüentemente, da própria Igreja Universal. Isso pode ser percebido no seguinte fragmento:

Edir Macedo, líder espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus, abriu mão de uma vida estável para servir exclusivamente a Deus. (...) Nestes 28 anos de lutas e conquistas, ele sofreu diversas perseguições, mas sempre superou seus desafios e se manteve firme no propósito de levar a Palavra aos desamparados e sofridos. Foi preso e humilhado, mas sobreviveu às tempestades para a glória e honra de Deus.²⁰

Certamente, os sujeitos não se dirigem à Igreja Universal em função da figura-mor de Edir Macedo, pois estão lá fundamentalmente em busca de apoio, orientações e soluções para as adversidades enfrentadas em suas vidas, na maioria dos casos não importando se o pastor x ou y é o encarregado de levar adiante o propósito evangelizador no templo no qual estes sujeitos se dirigem. Mesmo porque a rotatividade de pastores nos templos da IURD, imposta por sua alta cúpula, torna essa relação de identificação entre os fiéis e os pastores mais difícil de ocorrer, até mesmo em relação ao bispo fundador da igreja.

Alegando perseguição promovida por grupos contrários ao sucesso da

Universal, as lideranças iurdianas tentam reconstruir a imagem pública de Edir Macedo perante os seus fiéis e para a sociedade brasileira, omitindo fatos que marcaram negativamente sua vida para assim venerá-lo enquanto um homem que venceu desafios e obstáculos unicamente para a concretização da vontade de Deus, representada pela fundação da igreja.

Este fragmento demonstra como as narrativas presentes na Folha Universal são constituídas a partir de um posição que tenta passar ao leitor o máximo de objetividade e imparcialidade, colocando-se “de fora” dos acontecimentos e agindo com “neutralidade”. É neste ponto que verifica-se essencial citar Déa Fenelon, quando esta afirma que “*como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais*”.²¹

²⁰ FOLHA UNIVERSAL, edição nº 698, de 21 a 27 de agosto de 2005, pág. 6A.

²¹ FENELON, Déa Ribeiro. “Muitas memórias, outras histórias”. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’Água.2005, p. 6.

Antes de prosseguir com as considerações, torna-se imprescindível esclarecer que através das discussões acerca das problemáticas e possibilidades da “História Social”, da qual esta pesquisa tem a pretensão de ser inserida, percebemos que é indispensável superar os limites e as divisões compartimentadoras que a separação do social carrega. Como nos lembra Déa Fenelon, ao historiador cabe dar, cada vez que elege um objeto para estudo, uma explicação global dos fatos humanos acima de qualquer compartimentação²², afinal, não é possível separar o aspecto religioso do econômico, do social e/ou do político, pois todos eles coexistem ao mesmo tempo na sociedade. A partir da não-separação entre as esferas de constituição do social é que se traduz a abordagem de novos temas, dentre eles a temática da religião.

Nesse sentido, a grande expansão neopentecostal pode ser explicada, em partes, devido à sua intrínseca sintonia com os valores materiais e individualistas que norteiam os preceitos da sociedade de consumo. Isso é melhor explicitado na

conhecida “Teologia da Prosperidade” propagada por essas igrejas, a qual defende que o cristão deve ser próspero, feliz e vitorioso em sua vida terrena. Com a Teologia da Prosperidade, essas igrejas cristãs fazem uma releitura da Bíblia a seu modo e interesses, ensinando seus fiéis “a viverem e não a morrerem”, como fazem igrejas tradicionais extremamente dirigidas ao além, invertendo a promessa de salvação em um plano espiritual para o plano material. Em vez de rejeitar o mundo, esses novos desbravadores da fé passam a afirmá-lo com veemência, pois nele é possível obter as bênçãos divinas praticando uma ardorosa fé e seguindo os mandamentos bíblicos pregados pelos homens de Deus componentes destas igrejas. Essa proposta de resolução dos problemas cotidianos dos fiéis contida na Teologia da Prosperidade rompe com aquela escatologia milenar baseada na espera do retorno de Jesus Cristo para salvar “novamente” a humanidade e que pregava a auto-exclusão da vida social e a assimilação de uma conduta ascética pelos fiéis.

Para atingir essa prosperidade, os fiéis devem praticar uma fé ardorosa, pragmática e “inteligente”, como os pastores a todo instante afirmam. O

²² FENELON, Déa R. *Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação*. In: Projeto História. São Paulo: Educ -Editora da PUC/SP, 1984, p. 22.

processo de enfrentamento e superação de situações adversas pelos fiéis iurdianos está diretamente relacionado com a noção de batalha espiritual. Essa batalha deve ser travada constantemente contra as forças que impedem o progresso material e espiritual do fiel, representadas pelas obras oriundas do “Diabo”; “amarrações” promovidas por pessoas mergulhadas na inveja e traições, cuja meta resume-se a “travar” a vida do fiel; e o modo de pensar e enxergar o mundo que muitos ainda carregam, apesar de procurarem a igreja. Para ser bem-sucedido nessa empreitada, é necessário que o fiel exercite atitudes como a revolta e a perseverança.

A revolta diante da situação enfrentada é imprescindível para a pessoa sair da “inércia” para a ação efetiva, vislumbrando na prática da fé o caminho para a fuga das adversidades. O estado de revolta relaciona-se ao plano individual e não ao coletivo, isto é, cada um deve buscar da melhor forma possível, dentro dos propósitos de fé, superar suas próprias dificuldades, sem contar com a solidariedade coletiva ou revoltar-se em primeira instância com o problema alheio. Isso não significa afirmar que a lógica do “cada um por si” prevaleça entre os fiéis

iurdianos, mesmo porque o sentimento de pertencimento a um espaço comum e o compartilhamento de crenças, valores, trajetórias de vida e experiências sociais entre os distintos sujeitos que freqüentam a igreja está presente e não podem ser negados. Porém, a retórica iurdiana confere grande peso à individualidade, transferindo a iniciativa e a responsabilidade para cada fiel no tocante à concretização de seus propósitos. A perseverança deve ser somada à atitude de revolta frente às dificuldades. Mesmo que o fiel não consiga de imediato concretizar seus anseios no âmbito da igreja, as lideranças iurdianas aconselham que ele deve persistir e não interromper sua batalha até que o resultado não seja outro senão a conquista daquilo que está sendo proposto e negociado com Deus.

Mas a revolta e a perseverança só serão eficazes se acompanhadas pela realização freqüente de ofertas e pela entrega do dízimo.²³ Como o fiel deve se dedicar ao máximo para satisfazer suas aspirações, ele tem que entregar a Deus o seu melhor, pois Ele retribuirá

²³ A argumentação utilizada pela Igreja Universal para defender a prática do dízimo fundamenta-se na afirmativa de que o fiel não cede dinheiro na forma de dízimo para a igreja. O que acontece é que ele apenas “devolve” à Deus esse mesmo dízimo.

proporcionalmente àquilo que o fiel ofertar. E ofertar aqui pressupõe tanto o lado financeiro como interiorizar determinados tipos de conduta e valores defendidos pela igreja. Quanto maior o sacrifício e a dedicação, mais rápido Deus atenderá ao pedido, por isso as ofertas nas campanhas da igreja e a entrega do dízimo são fundamentais para a vitória.

Como forma eficaz de comprovar que o dízimo traz ótimos resultados aos fiéis, nas páginas da Folha Universal são mostrados vários testemunhos de pessoas que tiveram suas vidas mudadas após se comprometerem com as ofertas à Deus e seus propósitos de fé. Esses testemunhos geralmente eram mostrados na coluna “Aconteceu na Universal”, cujo subtítulo “Ó Deus, não esqueça que eu sou dizimista fiel” explicitava o assunto central abordado. Com a reformulação gráfica do jornal estabelecida no começo de 2008, essa coluna mudou seu nome para “Superação: aconteceu comigo”, mas o sentido permaneceu o mesmo da anterior. Essas narrativas seguem um modelo verificado em praticamente todas as edições da Folha Universal: são sempre divididas entre o antes e o depois do ingresso do fiel na igreja, sendo o “antes” marcado por uma vida de

misérias e sofrimento, e o “depois” marcado por uma vida próspera, feliz e estável. E é nesta parte que a Teologia da Prosperidade vem à tona com todo o seu ar de infalibilidade.

A linguagem direta e pragmática contida no jornal, típica dos testemunhos de fiéis que venceram na vida, também é carregada de forte sensacionalismo. A vitória não deve ser meramente relatada, ela deve antes de mais nada ser espetacularizada e traduzida em aquisições materiais de proporções faraônicas, uma reviravolta que deve explicitar a superação definitiva daquela situação deplorável em que a pessoa se encontrava antes de conhecer “Deus” através da fé trabalhada na Igreja Universal. Os testemunhos devem ser construídos (e editados) de modo a não apresentar falhas, a fim de demonstrar a eficácia surpreendente da fé iurdiana.

Mudança de ex-mendigos e moradores de rua para a condição de empresários, pessoas que quitaram dívidas de milhões de reais e hoje prosperam, curas milagrosas de doenças incuráveis, pessoas que não tinham nada e atualmente possuem imóveis de luxo localizados em bairros nobres nos grandes centros urbanos, empresários expandindo

cada vez mais seus negócios; enfim, são tipos de situações que freqüentemente aparecem com muita ênfase nas páginas da Folha Universal e que têm como denominador comum o uso da “fé inteligente”, isto é, sujeitos que vêm como fator determinante para as transformações radicais de suas vidas o fato de ofertarem constantemente e serem dizimistas fiéis. Em outros termos, podemos interpretar que a condição de dizimista carrega em si a chave mágica das portas da sociedade de consumo, abrindo a possibilidade de realização do “paraíso no mundo terreno” a partir da obtenção de prosperidade espiritual e, principalmente, material, banindo vigorosamente a pauperização que marcava a vida de antes.

No testemunho da fiel Francisca Cândida, publicado na edição nº 800 da Folha Universal, é narrada a sua trajetória de vida que vai da miséria à riqueza. Com a chamada “Moravam com os ratos e hoje vivem num condomínio luxuoso”, o testemunho de Francisca, de 47 anos, destaca o constante sofrimento que sua família conviveu durante vários anos, morando em uma casa sem banheiro, portas e janelas, e infestada de ratos, baratas e pulgas. Ela e o marido não

podiam comprar roupas nem calçados para os quatro filhos, uma situação que foi agravada quando ele ficou desempregado. Além da busca pela independência financeira, Francisca batalhava pela cura de seu filho Reinaldo, que sofria bronquite desde os 15 anos de idade, e conta que o sonho de seu marido era de que o filho se tornasse um jogador de futebol. Muito humilhada, Francisca relata que entrou na Igreja Universal há cerca de 20 anos, quando soube, através da Rádio Copacabana, que um templo da igreja seria inaugurado em Itaguaí, município fluminense onde residia. A partir deste momento, e acreditando que na IURD surgiria uma oportunidade para contornar todas as dificuldades enfrentadas, Francisca começou a participar das campanhas da Fogueira Santa de Israel e perseverar em seus propósitos de fé. De acordo com o editado no jornal, Francisca narra que

Os ratos dormiam conosco dentro de casa. Mas, na Igreja, aprendi a perseverar na fé em nome do Senhor Jesus. Logo na primeira oportunidade, participei da Fogueira Santa e fiz meu propósito. Desde então nunca mais deixei de participar. Entendi que dessa maneira eu teria tudo o que, durante tantos anos, eu não tinha encontrado em lugar nenhum nem com ninguém. (...) Fiz meu propósito com Deus porque acreditava realmente em Seu poder

para curar e transformar a minha vida. Apesar de não ter nenhuma herança de família, estava na fé de que um dia iríamos ficar ricos. Não sabia como, mas tinha muita fé.²⁴

Na narrativa construída por Francisca e recortada pelos editores do jornal, a transformação gradativa de sua vida, cujo eixo remete à entrada na igreja, recebe amplo destaque. As inúmeras ofertas feitas surtiram em sucessivas vitórias, conquistando a cura do filho Reinaldo, que logo depois se tornou um jogador de futebol, atuando em clubes renomados do Brasil, como Flamengo, São Paulo e Santos, e também em times do exterior. Com a carreira bem-sucedida do filho, aquela vida miserável em que a família vivia foi alterada drasticamente:

Com o sucesso de nosso filho, conseguimos terminar de construir a casa de Itaguaí, com dez cômodos, que é considerada a melhor da rua. Construimos mais uma no mesmo município e adquirimos outras no Recreio dos Bandeirantes e na Barra da Tijuca, num condomínio de luxo, um dos melhores da região, onde mora muitas pessoas famosas. Esta casa tem oito banheiros e 25 cômodos. Tenho motorista, empregada e já viajei seis vezes para Paris.²⁵

Ainda nessa linha, a coluna “Casos Incríveis” de outra edição do

jornal apresenta o testemunho impressionante da fiel Maria da Conceição Figueira Alves, de 47 anos, que vivia em lixões à procura de comida e atualmente se converteu em uma empresária saudável dona de uma escola. Maria da Conceição narra que era proveniente de família pobre e que, por causa de uma crise financeira que atingiu sua família quando era jovem, ela e os irmãos tiveram que sair de casa cedo para levar sustento ao lar. Com a situação piorando cada vez mais, ela buscou refúgio no lixão, onde catava papelão, cobre e alumínio para vender, além de procurar comida. Em um dos momentos mais delicados, quando teve seu filho, foi obrigada a se prostituir para sustentá-lo.

Segundo Maria da Conceição,

Comi galinhas, frutas e usei roupas do lixo. Na verdade eu competia com os urubus, porque ficava literalmente com a cabeça enfiada no lixo. (...) Uma vez vizinhos tiveram que amparar o meu filho, dando um prato de comida, porque ele se contorcia de tanta fome...²⁶

O quadro agravou-se quando ela contraiu doenças venéreas, como a sífilis. Nessa condição dramática, a mudança de vida começou quando ouviu um convite de um pastor da Igreja Universal através

²⁴ Folha Universal, nº 800, de 5 a 11 de agosto de 2007, p. 8.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Folha Universal, nº 733, de 23 a 29 de abril de 2006, p. 8.

de um programa de rádio. Passando a freqüentar os cultos, seguir as orientações do pastor e empreender ofertas, Maria da Conceição narra que foi finalmente curada das doenças contraídas e atingiu a tranqüilidade espiritual e material:

Não tinha mais perspectiva de vida, cheguei a tentar o suicídio duas vezes, mas aceitei o convite e comecei a participar das correntes de libertação, seguindo à risca tudo o que os homens de Deus me orientavam a fazer. Hoje sou dona de escola, foi um presente de Deus para mim. Reconheço que o que habitava em mim era um espírito de miséria, mas não olhei para as dificuldades e segui buscando minha felicidade.²⁷

Já o empresário Luiz Ricardo Carvalho, 39 anos, morador de Mendes, Rio de Janeiro, declara que compreendeu que o dízimo é a essência para superar as adversidades do cotidiano e que, por isso, hoje é um vencedor. Sofrendo com problemas de depressão profunda que abalava sua vida financeira, deixando-a completamente instável, o empresário conheceu a IURD por meio da programação da madrugada na televisão, quando não conseguia dormir em função da insônia adquirida. Chegando à Igreja Universal, Luiz Ricardo seguiu as orientações do pastor e começou a fazer correntes nas segundas-feiras, referente à

prosperidade. No entanto, as ofertas realizadas não eram suficientes para a consumação de seus propósitos. Era preciso mais, e esse acréscimo foi finalmente encontrado no dízimo:

Eu até dava ofertas, mas era totalmente contra os dízimos, mas através dos ensinamentos, Deus foi me transformando e compreendi que o dízimo é a essência da verdadeira prosperidade e da estabilidade financeira. (...) Hoje tenho paz, saúde, um supermercado próspero, em expansão. Não moro mais de aluguel, tenho três casas, um apartamento e três carros. Tudo isso só foi realmente possível quando passei a ser fiel nos dízimos.²⁸

Sem querer estender muito para não cair em uma repetição excessiva, vejamos mais um testemunho, intitulado “Quitou dívidas após se tornar dizimista”, na edição nº 778 da Folha Universal. Nele, a empresária Emília Ronco narra como “inexplicavelmente” se viu mergulhada em dívidas quando sua “conceituada clínica de estética” situada nos jardins, bairro nobre de São Paulo, começou a naufragar. Depois de muito “sofrimento” ela conheceu a Igreja Universal através de testemunhos que assistia na TV. Logo após converter-se e tornar-se dizimista, saldou suas dívidas,

²⁷ Ibidem.

²⁸ Folha Universal, nº 773, de 28 de janeiro a 3 de fevereiro de 2007, p. 9.

recuperou os bens e a credibilidade. Eis um trecho:

Quando me dei conta do tamanho da minha dívida – cerca de R\$ 80 mil -, me senti arrasada, sem chão. Para honrar os compromissos com fornecedores e funcionários, fiz empréstimos, usei cartões de crédito, vendi a clínica, o automóvel e só não perdi a casa onde morava porque busquei, a tempo, a ajuda de Deus. (...) A minha vida mudou completamente quando me tornei dízimista. Compreendi que é o dízimo que faz com que as janelas dos céus se abram em nossa vida, assim como as bênçãos financeiras, mas principalmente a saúde, a paz e a alegria cheguem até nós. (...) Hoje, não só estou livre das dívidas, como comprei um carro importado, montei uma nova clínica de estética, no Brooklin (também bairro nobre de SP) e tenho a minha casa própria, que é ampla e confortável.²⁹

Podemos notar que as narrativas acima apresentam muitos itens em comum, como a divisão entre dois momentos da vida (o sofrimento e a prosperidade), a realização de ofertas, a importância do dízimo e o contato inicial destes fiéis com a IURD impulsionado por programas de rádio e televisão da igreja. Vale ressaltar que o modo pragmático como as lideranças da Igreja Universal dialogam com múltiplos sujeitos sociais, tanto em seu aparato midiático como na própria igreja, abordando problemas diversos e oferecendo soluções de forma direta e

simples, sem ficar presos a discussões teológicas e filosóficas mais complexas, fazem com que a relação entre estes sujeitos e a Igreja Universal seja cada vez mais estreita. Essa é uma marca registrada da IURD desde a sua fundação, quando Edir Macedo e as demais lideranças a ele subordinadas procuravam atrair para os cultos um público que admitia uma adesão religiosa por resultados.

Quando trabalhamos com esse tipo de narrativas, escritas ou orais, não podemos perder de vista a subjetividade do entrevistado, enfatizando a questão do tempo em seu processo de construção. Analisando as funções do tempo na História Oral, Alessandro Portelli considera o tempo como fator condicionador nos relatos baseados nas memórias das pessoas, já que esses relatos “acompanham o tempo, crescem com o tempo e se decompõem com o tempo”.³⁰ Em outras palavras, as histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador, pois uma história de vida é algo vivo e dinâmico:

²⁹ FOLHA UNIVERSAL, edição nº 778, de 4 a 10 de março de 2007.

³⁰ PORTELLI, Alessandro. *O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral*. In: FENELON, Déa R. e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D'Água, 2005, p. 298.

As versões das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam. (...) Assim, as histórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa). Nenhuma história será contada duas vezes de forma idêntica. Cada história que ouvimos é única.³¹

Outros fatores interferem na produção e desenrolar da narrativa, como o momento da vida em que a pessoa fala, as suas condições de saúde, a própria presença do entrevistador que condiciona os rumos da entrevista e o caráter seletivo e limitado da memória, o que Portelli assinala quando afirma que há um limite em relação à quantidade de material que pode ser “guardada” na memória de um indivíduo ou de um grupo, e cada vez que são acrescentadas novas informações, parte das antigas parece ser descartada por um processo ininterrupto de seleção.³²

No caso das narrativas contidas no jornal Folha Universal, vale ressaltar que elas não podem ser interpretadas sem algumas problematizações no tocante às suas limitações, já que todas elas passam por um rigoroso processo de editoração que seleciona e publica somente aquilo que vai ao encontro dos interesses da alta

cúpula da Igreja Universal. Em outras palavras, são depoimentos já direcionados para (re)afirmar os benefícios que a IURD e sua Teologia da Prosperidade possuem, com a finalidade máxima de demonstrar para um número cada vez maior de pessoas, de composições sociais, raciais e religiosas diferenciadas, que é possível sim receber as glórias de Deus neste mundo, sem a necessidade de esperar por uma vida pós-terrena para usufruir dos frutos divinos. Neste caso, a memória seletiva é primeiramente estabelecida pelo narrador e posteriormente pelos editores do jornal.

Apesar deste processo de recorte e editoração, não podemos perder de vista que as narrativas destacadas trazem significados das vivências dos depoentes. Os enredos tecidos por estes sujeitos nos levam às suas interpretações sobre o vivido, enredos nos quais “*o individual e o social se mesclam na tessitura das derrotas e vitórias, dos desejos e das frustrações*”³³, nos possibilitando empreender melhor a localização dos diversos sujeitos sociais em meio ao espaço urbano, e como se efetuam as

³¹ Ibidem, p. 298.

³² Ibidem, p. 299.

³³ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Memórias de um trauma: o massacre da GEB (Brasília – 1959)*. In: FENELON, 2005, op. cit., p. 175.

múltiplas estratégias, resistências e conflitos destes sujeitos, visando à defesa e afirmação de seus modos de vida, juntamente com suas práticas sociais, religiosas, políticas e culturais, demonstrando o papel da memória para a constituição das identidades e vivências das pessoas.

A importância do dízimo e das ofertas é a todo o momento aclamada nas narrativas de fiéis nas páginas da Folha Universal. Mas isso realmente se confirma entre os fiéis com os quais tive a oportunidade de pessoalmente conversar e entrevistar? Qual a percepção que fazem sobre essa questão? Para começar, essas já são perguntas que não tem uma resposta única e satisfatória justamente pelo modo como aí são concebidos os sujeitos que frequentam a igreja. Apesar de apresentar vários pontos em comum, é oportuno frisar que não queremos a partir da análise de algumas narrativas constituir regras gerais para estas, pois cada narrativa é singular. A história oral e as memórias das narrativas contidas no jornal nos oferecem um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.³⁴ Isso faz com essas

particularidades inerentes aos modos de pensar, crenças, valores, trajetórias de vida e às experiências do viver a cidade que estes múltiplos sujeitos carregam e vivenciam cotidianamente, resultem na impossibilidade de tentarmos estabelecer generalizações vagas e imprecisas que não dão conta de uma dinâmica social baseada na diversidade. Além do mais, uma abordagem homogeneizadora tende a anular a potencialidade de agir e pensar socialmente que os sujeitos possuem, transformando estes em meros números desprovidos de qualquer senso crítico e reflexivo.

Os fiéis constroem significados para a fé que praticam com base em suas próprias experiências sociais. Nas conversas e entrevistas com alguns fiéis da Igreja Universal, pudemos perceber a forma especial como estes sujeitos se posicionam em relação ao tempo histórico no qual estão inseridos, atribuindo a ele sentidos explicitados nas lembranças de seus viveres, de suas trajetórias e de suas experiências sociais, nas quais diversos elementos convergem para as mudanças representadas pela prática religiosa

³⁴ A esse respeito ver: PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In:

Tempo: Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Vol. 1-nº 2, dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 72.

exercida no seio da Universal. O dízimo seria apenas mais um componente da fé praticada, não “o” componente.

A Teologia da Prosperidade contida no discurso iurdiano não pode ser compreendida se a retirarmos do contexto histórico no qual foi (e está sendo) produzida e inserida. Vivemos uma época marcada pela alarmada crise das ideologias, por desigualdades sociais gritantes, pelo individualismo exacerbado, modelada pelos preceitos de uma cultura essencialmente consumista, pela falta de perspectivas para muitas pessoas, dentre elas os mais jovens, que em decorrência desta situação desesperançosa inflamam o problema da criminalidade. Uma época marcada pela hegemonia do Estado neoliberal que, apesar de seu comprovado fracasso em termos de bem-estar social, prega a privatização de setores fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e que eram historicamente atribuídos ao aparato estatal, como a saúde, educação, seguridade social e habitação, além de enfatizar a suposta necessidade de desregulamentar o “mercado de trabalho”, no sentido de combater direitos trabalhistas conquistados no decorrer de décadas e décadas, promovendo e

impulsionando deste modo a mercantilização das relações sociais. Uma época na qual o espaço público vem sendo despolitizado em benefício dos interesses dos grandes conglomerados econômicos e de elites políticas há muito estabelecidas, reformulando o próprio conceito de cidadania, que na ótica (neo)liberal define o “cidadão” como aquele que vota, que paga impostos, que possui documentos, que estuda, que trabalha, que consome etc. Nessa perspectiva, ser “cidadão” é ser consumidor, desvinculando o conceito de cidadania do sentimento de pertencimento, das relações sociais e dos valores culturais compartilhados entre os sujeitos que habitam o espaço físico e simbólico das cidades.

Esse modelo de cidadania constituída na consagração do todo poderoso mercado, tentando estabelecer a homogeneização cultural, na qual “*a pluralidade de ofertas não compensa a pobreza de ideais coletivos, e cujo traço básico é, ao mesmo tempo, o extremo individualismo*”³⁵, recebe uma nova carapaça quando incorporado e

³⁵ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida Pós-moderna: Intelectuais, Arte e Vídeo-Cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 9.

resignificado em moldes religiosos por igrejas como a Universal. Se uma vida de trabalho árduo e dedicação são insuficientes para promover a mobilidade social, a alternativa pode ser encontrada na religião, que pode proporcionar aquilo que um Estado deficitário e uma sociedade profundamente desigual não oferecem. A “fé” passa a ser considerada moeda de troca para que o acesso a bens, outrora tão distantes, seja uma realidade abençoada, bastando para isso estabelecer uma espécie de “contrato divino”, no qual “quanto mais se dá para Deus, mais se recebe”.³⁶ Com isso, a religião caminha em direção a usos e finalidades pragmáticas, similar a um objeto a ser consumido, conferindo, neste caso em particular, uma satisfação, simbolizada pela graça divina, proporcional ao valor da entrega espiritual e, sobretudo, financeira, representada pela oferta do dízimo.

Se sonho em adquirir um apartamento amplo e confortável, o carro que todos querem e que aparece constantemente na publicidade televisiva, roupas refinadas, o tênis da moda, ou

conseguir no mínimo garantir o sustento de meus filhos, posso tentar conquistar tudo isso me revoltando com a situação que enfrento em meu cotidiano, mudando a minha postura e meu modo de pensar o mundo ao meu redor, para aí começar a praticar a “fé inteligente” que pode proporcionar a concretização de meu sucesso. Pronto, aqui pode estar resumido o discurso da prosperidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião é uma produção humana. Como tudo relacionado à ação de homens e mulheres que vivem em determinada época e sociedade, a religião não fica estática e imóvel no tempo histórico. Ela vai se modificando de acordo com o contexto em que está inserida, expressando a composição social, as relações de poder, as relações econômicas, modos de pensar, valores e expectativas próprias de cada conjuntura histórica. Os deuses não criam os homens, eles são criados pelos homens. Portanto, a religião está em constante processo de transformações operadas pelos sujeitos que a professam, os quais praticam um tipo particular de fé,

³⁶ PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 270.

empreendem significados especiais às suas vivências e assumem um modo de vida substancialmente influenciado por elementos típicos do âmbito religioso.

Neste sentido, a discussão sobre as chamadas igrejas neopentecostais nos remete ao debate sobre a própria sociedade em que essas igrejas estão imersas. Este trabalho nos ajuda a perceber como, através das narrativas escritas e orais, diversos sujeitos sociais inseridos nessas igrejas se localizam em meio à cidade, espaço marcado por inúmeras tensões, conflitos, anseios e diferenças, um lugar que se faz nas relações e nos modos de viver de cada um de nós, reconhecendo que no âmbito da cidade o que constitui as relações sociais são as formas como as pessoas vivem nela e como criam suas condições e estratégias de sobrevivência, enfrentando a dominação, seus próprios limites e suas dificuldades, neste caso particular recorrendo à prática de uma fé diferenciada para satisfazer suas aspirações.

Pesquisar essa temática propicia avanços no sentido de um entendimento mais amplo acerca do papel primordial que o diálogo e o respeito às diferenças possuem para a o ofício do historiador,

sem deixar de lado a crítica própria de cada um de nós quando lidamos com temas tão polêmicos como a religião, ajudando na nossa reflexão para além do rótulo de intelectuais, mas primordialmente enquanto sujeitos participantes da constituição do espaço urbano e de toda a sua dinâmica complexa e conflituosa.

Referências bibliográficas

- ARANTES, Antônio. *Paisagens Paulistanas: Transformação do espaço público*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quatro, 1979.
- FENELON, Déa R. *Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação*. In: Projeto História. São Paulo: Educ -Editora da PUC/SP, 1984.
- _____. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D'Água, 2005.
- _____. *O historiador e a cultura Popular: história de classe ou história do povo?*. In: História &

Perspectiva. Universidade Federal de Uberlândia, nº6, 1992.

FIGUEIREDO FILHO, Valdemar. *Entre o palanque e o púlpito: mídia, religião e política*. São Paulo: Annablume, 2005.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 1997.

HOBBSAWM, E. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUSTINO, Mário. *Nos Bastidores do Reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração Editorial, 2ª edição, 2002.

KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social*. In: Projeto História: História e Oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, PUC/SP, nº 22, junho de 2001, pp. 80-103.

MACIEL, Laura Antunes. “*Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920*”. In: FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D’Água, 2004, pp. 14-40.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Editora Martin Claret, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2005.

_____. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Estud. av. vol. 18 nº 52. São Paulo, Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em 11/12/2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2ª ed. 2003.

OSBORN, Tommy Lee. *O Propósito do Pentecostes*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo: Revista do

Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Vol. 1- n° 2, dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida Pós-moderna: Intelectuais, Arte e Vídeo-Cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,1997

SILVA, Regina H. A. & SOUZA, Cirlen C. *Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1ª ed., 1989.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

_____. *A miséria da teoria*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Editora Martin Claret, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. São Paulo:Zahar Editores.1979.